

# ***Ontologia do acidente***

coleção  
**ANIMA**

Catherine Malabou

***Ontologia do acidente***  
***ensaio sobre a plasticidade destrutiva***

Tradução de Fernando Scheibe



Cultura e Barbárie  
Desterro, 2014

**Título original:**

*Ontologie de l'accident: essai sur la plasticité destructrice*  
Publicado originalmente pela Léo Scheer (Paris, 2009).

**Tradução**

Fernando Scheibe

**Revisão**

Moysés Pinto Neto, Flávia Cera e Alexandre Nodari

**Capa e diagramação**

Alexandre Nodari

**coleção ANIMA**

Coordenação editorial: Alexandre Nodari e Flávia Cera

**Conselho Editorial da Cultura e Barbárie**

Alexandre Nodari, Diego Cervelin, Flávia Cera,  
Leonardo D'Ávila e Rodrigo Lopes de Barros

M236o Malabou, Catherine  
Ontologia do acidente : ensaio sobre a plasticidade destrutiva /  
Catherine Malabou; tradução de Fernando Scheibe. – Desterro  
[Florianópolis] : Cultura e Barbárie, 2014.  
72p. – (Coleção Anima)

Tradução de: *Ontologie de l'accident: essai sur la plasticité  
destructrice*  
Inclui bibliografia

1. Filosofia moderna ocidental. 2. Ontologia. 3. Metamorfose.  
I. Scheibe, Fernando. II. Título. III. Série.

CDU: 1

Catálogo na publicação por: Onélia Silva Guimarães CRB-14/071

**Editores Cultura e Barbárie**

[www.culturaebarbarie.org](http://www.culturaebarbarie.org) | [editora@culturaebarbarie.org](mailto:editora@culturaebarbarie.org)

Caixa Postal 5015 - 88040-970 - Florianópolis/SC

**Apresentação**

Moysés Pinto Neto

1. Finalmente o pensamento de Catherine Malabou reverbera, na excelente tradução de Fernando Scheibe, em cenário brasileiro. Estando entre as mais criativas e consistentes do cenário filosófico contemporâneo, a obra de Malabou aparece já com algum tardar, dada a relevância, as implicações e a inovação que caracterizam seus ensaios. *Ontologia do acidente: ensaio sobre a plasticidade destrutiva*, seu último texto solo publicado no formato de livro, inicia sua trajetória brasileira editada pela Cultura & Barbárie, cujo trabalho intelectual já é de notório reconhecimento público.

2. Desde seu primeiro livro, *L'avenir de Hegel: plasticité, temporalité, dialectique* [*O futuro de Hegel: plasticidade, temporalidade, dialética*], tese de doutoramento supervisionada por Jacques Derrida e publicada em 1996, os trabalhos de Malabou são caracterizados pela sua capacidade de recolocar questões fundamentais do pensamento filosófico. Situando-se no espaço “pós-desconstrutivo”, Catherine Malabou procura essencialmente repensar um liame que escapou, ou pelo menos foi deixado em segundo plano, pelos seminais pensadores dos anos 60: a questão da forma. Ou seja, não apenas a *diferença da forma*, mas também a *forma da diferença*. Em Hegel, já lido sem a teleologia que o prendia à metafísica clássica, a chave desse movimento imanente é a palavra “plasticidade”, a partir da qual Malabou desenvolverá as passagens entre antropologia, teologia e filosofia da *Enciclopédia*. Já à época chamava atenção para o triplo sentido que, em francês, tem a palavra plasticidade: dar (ativo), receber (passivo) e, referindo *plasticage*, explodir a forma. Em outros termos, trata-se de um deslocamento imanente da forma, pensada sem o esquema hilemórfico tradicional, enquanto capacidade de transformação que não opõe dentro (repetição, familiar) e fora (alteridade, estrangeiro), mas, desde dentro, é estranho a si mesmo. A plasticidade é a aventura da forma.

Mais tarde, em um movimento de reaproximação entre filosofia e ciência que, seguindo a tradição francesa de Bergson, Bachelard, Althusser e Deleuze, não vê necessidade de oposição ou afastamento entre elas, mas, ao contrário, põem-nas a dialogar, a autora percebe nas neurociências a possibilidade de um “esquema-motor” para a filosofia em que predomina a plasticidade da forma. Nesse caso, o cérebro ocupa um espaço que – sem se confundir com naturalismos neodarwinistas redutivistas – funciona como modelo de uma ontologia dinâmica, transformacional, próxima da ideia que Malabou associa à construção de um “novo materialismo” na linha de La Mettrie, Diderot, Marx e Althusser. Desde *Que faire de notre cerveau?* [*Que fazer do nosso cérebro?*], de 2004, a franja que separa o biológico do simbólico será permanentemente posta em questão justamente para problematizar a necessidade desse *gap*, à medida que o biológico, nas suas transcrições, traduções, interpretações, criações, mutações etc. é tão sinuoso, repleto de nervuras e dobras, quanto o simbólico. A separação entre o sujeito e o cérebro e a rejeição dos “cognitivismos” e reducionismos de todos os tipos, tão caras ao seu interlocutor permanente Slavoj Žižek, é confrontada com uma resistência imanente que procura redefinir o político a partir da biologia mesma, sem apelar a qualquer tipo de cesura clássica.

3. Depois de investigar em vários trabalhos as dimensões ativa e passiva da plasticidade, Malabou dedica-se em *Ontologia do acidente* à dimensão explosiva, nomeando-a plasticidade destrutiva. O livro na verdade funciona a partir de uma duplicidade de duplos: em primeiro lugar, seu duplo mais evidente é *Les nouveaux blessés: de Freud à la neurologie, penser les traumatismes contemporains* [*Os novos feridos: de Freud à neurologia, pensar os traumatismos contemporâneos*], trabalho imediatamente anterior (2007) no qual desenvolve uma crítica à teoria freudiana do trauma desde as neurociências, procurando demonstrar, a partir do conceito de “novos feridos”, que a instância de mediação interpretativa que percorria o trauma freudiano é em certa medida tumultuada no cenário contemporâneo, sendo os novos traumas melhor comparáveis ao choque sem mediação, invasão de um corpo estranho, das lesões neurológicas, transfigurando o indivíduo

em uma identidade completamente estranha à anterior. A destrutividade desse choque mostraria uma potencialidade plástica do cérebro capaz de provocar uma metamorfose sem repetição, possibilidade de transmutação que a geração anterior de filósofos deixou de antever, porquanto ainda presa a uma certa ontologia da continuidade (pense-se, por exemplo, na ideia de ‘iterabilidade’ de Jacques Derrida). O segundo duplo é com *Le Change Heidegger: du fantastique en philosophie* [*A troca Heidegger: do fantástico em filosofia*], trabalho no qual aproxima o pensamento da diferença ontológica da ideia de metamorfose, considerando o ser como uma permanente reserva mutacional que mantém em aberto toda forma. Sem se contrapor diretamente às leituras críticas da ontologia heideggeriana (por exemplo, Levinas e Derrida), Malabou procura potencializar a dimensão transformacional do ser. Por isso, a rejeição heideggeriana da identificação entre ser e ente funciona apenas na medida em que aquele opera como abertura metamórfica, identificado por isso com a dimensão “fantástica”, não-conceitual, que rejeita se associar a alguma “categoria” filosófica.

*Ontologia do acidente* irá trabalhar, assim, essas dimensões em que a identidade se deixa transfigurar em algo irreconhecível, entregando-se à faceta destrutiva da plasticidade. Que seja possível, em uma simples deriva aleatória que nenhuma filosofia da necessidade pode controlar, à identidade passar integralmente a outra forma sem que reste nenhum resíduo da existência anterior é algo a perturbar fortemente as representações filosóficas clássicas da continuidade, da transformação gradual, da mediação permanente e da reconciliação. Para Malabou, contudo, a literatura e as neurociências teriam se aventurado nesse âmbito. Seu ensaio estabelece-se no diálogo entre essas experiências e uma ontologia do acidente, buscando um novo pensamento da negatividade, de um negativo sem verso positivo, pensado como pura destrutividade que dá forma à morte, àquilo que supostamente, reservado à forma espectral ou simbólica, careceria de forma.

Esse salto metamórfico não significa, por si só, redenção, como a filosofia do totalmente outro às vezes parece prometer. *Ontologia do acidente* é, por isso e segundo a própria Malabou, uma crítica à filosofia messiânica, na medida em que aquilo que resta não é aqui salvação,

mas uma danação sem volta, a ameaça de uma destrutibilidade absoluta que converte o indivíduo em um sobrevivente desafetado, totalmente indiferente a tudo e todos, incapaz de nutrir qualquer emoção e perdendo com isso qualquer espécie de tônus vital. Trata-se, por isso, de um pensamento de fragilidade, uma crítica à violência que adverte acerca da irreversibilidade de certos caminhos destrutivos, a partir de cuja fronteira o atravessamento significa simplesmente o vazio destruído, o nada, um estado de completa deserção do qual não se extrai qualquer sentido edificante. Em uma época em que se discute abertamente o fim do mundo a partir da devastação ecológica da Terra, a introdução do trabalho de Catherine Malabou, portanto, é mais do que urgente.

***Ontologia do acidente***  
***ensaio sobre a plasticidade destrutiva***

“É preciso aceitar introduzir a álea como categoria na produção dos acontecimentos. Aí também se faz sentir a ausência de uma teoria que permita pensar as relações entre o acaso e o pensamento.”

**Michel Foucault, *A ordem do discurso***

O mais das vezes, as vidas seguem seu caminho como os rios. As mudanças e as metamorfoses próprias a essas vidas, sobrevindas em consequência das áleas e das dificuldades ou simplesmente ligadas ao curso natural das coisas, aparecem como as marcas e rugas de uma execução contínua, quase lógica, que conduz à morte. Com o tempo, a gente se torna finalmente aquilo que é, a gente só se torna aquilo que é. As transformações do corpo e da alma reforçam a permanência da identidade, caricaturam-na ou fixam-na, nunca a contradizem. Não a desarrumam.

Essa deriva existencial e biológica progressiva, que não faz mais do que transformar o sujeito em si mesmo, não poderia fazer esquecer o poder de explosão plástica\* dessa mesma identidade, que se abriga sob seu aparente polimento, como uma reserva de dinamite escondida sob a fina casca do ser para a morte. Em consequência de graves traumatismos, às vezes mesmo por um nada, o caminho se bifurca e um personagem novo, sem precedente, coabita com o antigo e acaba tomando seu lugar. Um personagem irreconhecível, cujo presente não provém de nenhum passado, cujo futuro não tem porvir, uma improvisação existencial absoluta. Uma forma nascida do acidente, nascida por acidente, uma espécie de acidente. Uma estranha raça. Um monstro cuja aparição nenhuma anomalia genética permite explicar. Um ser novo vem ao mundo uma segunda vez, vindo de uma vala profunda aberta na biografia.

Existem metamorfoses que desorganizam a bola de neve que a gente forma consigo mesmo na duração, esse grande amontoado circular bem cheio, repleto, completo. Estranhas figuras que surgem da ferida, ou do nada, de uma espécie de desengate com o antes, figuras que não resultam nem de um conflito infantil não resolvido, nem

\* [Nota do tradutor: *plastiquage*. O leitor deverá levar em conta ao longo do livro que, em francês, *plastic*, ou *plastique*, significa também explosivo de matéria plástica.]

da pressão do recalçado, nem do retorno súbito de um fantasma. Há transformações que são atentados. Falei longamente, em outros livros, desses fenômenos de plasticidade destrutiva, das identidades cindidas, interrompidas subitamente, desertas, dos doentes de Alzheimer, da indiferença afetiva de certos cérebro-lesados, dos traumatizados de guerra, das vítimas de catástrofes naturais ou políticas.\* É necessário constatar e fazer reconhecer que todos nós podemos, um dia, nos tornar alguém outro, absolutamente outro, alguém que nunca se reconciliará consigo mesmo, que será essa forma de nós sem redenção nem resgate, sem últimas vontades, essa forma danada, fora do tempo. Esses modos de ser sem genealogia não têm nada a ver com o totalmente outro das éticas místicas do século XX. O Totalmente Outro de que falo permanece para sempre estranho a Outrem.

O mais das vezes, as vidas seguem seu caminho como os rios. Por vezes, saem de seus leitos, sem que nenhum motivo geológico, nenhum traçado subterrâneo, permita explicar essa cheia ou esse transbordamento. A forma subitamente desviante, desviada, dessas vidas é de plasticidade explosiva.

Na ciência, na medicina, na arte, no domínio da educação, o uso que se faz do termo “plasticidade” é sempre positivo. Designa um equilíbrio entre a recepção e a atribuição de forma. A plasticidade é concebida como uma espécie de trabalho de escultura natural que forma nossa identidade, a qual se modela com a experiência e faz de nós os sujeitos de uma história, de uma história singular, reconhecível, identificável, com seus acontecimentos, seus brancos, seu futuro. A ninguém ocorreria a ideia de entender sob a fórmula “plasticidade cerebral”, por exemplo, o trabalho negativo da destruição (destruição que opera após tantas lesões cerebrais e traumatismos diversos). A deformação das conexões neuronais e a ruptura das ligações cerebrais não são consideradas em neurologia como casos de plasticidade. Só se falará de plasticidade no caso de uma mudança de volume ou de forma das conexões neuronais que faça sentido na construção da personalidade.

\* [Nota dos editores: a autora se refere a seu livro *Le nouveau blessés: de Freud à la neurologie, penser les traumatismes contemporains*. Paris: Bayard, 2007.]

Ninguém pensa espontaneamente numa arte plástica da destruição. No entanto, esta também configura. Uma cara quebrada é ainda um rosto, um coto é uma forma, uma psique traumatizada permanece uma psique. A destruição tem seus cinzeis de escultor.

Em geral, conceder-se-á que a construção plástica não tem lugar sem uma certa negatividade. Para retomar o exemplo neurobiológico, o reforço das conexões sinápticas, o aumento de seu tamanho ou de seu volume, fruto do que os cientistas chamam “potencialização a longo termo”, se deve ao fato de que as conexões são regularmente solicitadas. É o caso, por exemplo, na aprendizagem e na prática do piano. Ora, esse fenômeno é necessariamente acompanhado por seu contrário. Assim, quando essas conexões são pouco ou nada solicitadas, diminuem, é a “depressão a longo termo”, o que explica por que é mais difícil aprender a tocar um instrumento numa idade avançada do que na infância. A construção é portanto contrabalançada por uma forma de destruição. Isso se admite. O fato de que toda criação só possa ocorrer ao preço de uma contrapartida destrutiva é uma lei fundamental da vida. Ela não contradiz a vida, antes, torna-a possível. A escultura de si, como escreve o biólogo Jean Claude Ameisen, supõe uma aniquilação celular, a apoptose, fenômeno que designa o suicídio programado das células. Assim, para que dedos se formem, é necessário que se forme também uma separação entre os dedos. E a apoptose produz o vazio intersticial que permite aos dedos destacarem-se uns dos outros.

A matéria orgânica é como a argila ou o mármore do escultor. Ela produz seus dejetos, seus rejeitos. Mas essas evacuações orgânicas são altamente necessárias à realização da forma viva, que aparece finalmente, em sua evidência, ao preço do desaparecimento daquelas. Ainda uma vez, esse tipo de destruição não contradiz a plasticidade positiva, mas antes é sua condição. Ele serve à nitidez e à potência da forma bem sucedida. Compõe à sua maneira a força de viver. Em psicanálise, como em neurologia, um cérebro plástico, uma psique plástica, são aqueles que encontram o bom equilíbrio entre capacidade de mudar e aptidão a permanecerem os mesmos, entre porvir e memória, recepção e doação de forma.

Algo completamente diferente é a possibilidade da explosão, do aniquilamento desse equilíbrio, da destruição dessa capacidade, dessa forma, dessa força, da identidade em geral. Terrorismo contra apoptose. Já o disse, geralmente não se fala mais de plasticidade nesse caso. A potência explosiva, destrutiva e desorganizadora, entretanto virtualmente presente em cada um de nós, capaz de se manifestar, de ganhar corpo ou de se atualizar a qualquer momento, nunca recebeu nome algum em qualquer domínio.

O poder de explosão plástica ontológica e existencial da subjetividade e da identidade nunca recebeu ele próprio uma identidade. Aproximado mas contornado, frequentemente percebido na literatura fantástica mas nunca reconduzido ao real, abandonado pela psicanálise, ignorado pela filosofia, sem nome próprio na neurologia, o fenômeno da plasticidade patológica, de uma plasticidade que não conserta, de uma plasticidade sem compensação nem cicatriz, que corta o fio de uma vida em dois, ou em vários segmentos que não se reencontrarão mais, tem no entanto sua fenomenologia própria que precisa ser escrita.

Fenomenologia, de fato. Alguma coisa se *mostra* por ocasião do dano, do corte, alguma coisa a que a plasticidade normal, criadora, não dá acesso nem corpo: a deserção da subjetividade, o afastamento do indivíduo que se torna estrangeiro para si mesmo, não reconhece mais ninguém, não reconhece mais a si mesmo, não se lembra mais. Tais seres impõem assim sua nova forma à antiga, sem mediação nem transição nem cola nem compatibilidade, hoje contra ontem, cruamente, à queima-roupa. A mudança pode ser também o fruto de acontecimentos anódinos em aparência, que revelam no fim das contas serem verdadeiros traumatismos que inflectem uma trajetória de vida, executam a metamorfose de alguém de quem se diz: nunca imaginei que ele, ou ela, “viraria isso”. Rasgão vital e desvio ameaçador que abrem uma outra via, inesperada, imprevisível e sombria.

## 1

No imaginário ocidental, é preciso notar, a metamorfose é raramente apresentada como um real e total desvio do ser. Talvez nunca o seja. Quaisquer que sejam suas bizarras – entre as quais as mais impressionantes são por certo aquelas que Ovídio desfia –, as formas que cria, o resultado das transmutações de suas infortunadas vítimas, permanecem, se podemos dizer, na ordem das coisas. De fato, é apenas a forma exterior do ser que muda, nunca sua natureza. O ser permanece o que é no seio da própria mudança. O pressuposto substancialista é o companheiro de estrada da metamorfose ocidental. A forma se transforma, a substância permanece.

Na mitologia grega, Métis, deusa da astúcia, é “capaz de se transfigurar em todas as sortes de formas”: “leão, touro, mosca, peixe, pássaro, chama ou água que escorre”.<sup>1</sup> Apesar de tudo, esse polimorfismo não é infinito. Ele corresponde a uma paleta de identidades muita extensa, mas limitada. Assim, Métis deve, quando não aguenta mais, recomeçar pura e simplesmente o ciclo de suas transformações, sem poder inovar mais. Retorno da astúcia a zero. Os volteios de Métis cessam com o esgotamento do registro das formas animais. É assim que os outros deuses podem triunfar sobre Métis. Se seu poder metamórfico não fosse limitado, ela permaneceria invencível.

Mas esse limite não é, de modo algum, uma falha exclusiva de Métis. De maneira geral, todos os deuses metamórficos conhecem o mesmo destino. As formas de travestimento estão todas contidas numa “gama dos possíveis” que pode ser repertoriada e para a qual sempre é possível propor um esquema tipológico, uma panóplia ou uma amostragem.<sup>2</sup>

Assim, por exemplo, “preso de imprevisto, o deus toma, para libertar-se, os aspectos mais desorientadores, mais contrários uns aos outros, mais terríveis; ele torna-se alternadamente água que corre, cha-

<sup>1</sup> Detienne, Marcel; Vernant, Jean-Pierre. *Les Ruses de l'intelligence. La Métis des Grecs*. Paris: Flammarion, 1974. p. 28 [edição brasileira: *Métis: as astúcias da inteligência*. Tradução de Filomena Hirata. São Paulo: Odysseus Editora, 2008. p. 28; tradução modificada].

<sup>2</sup> Cf. Vernant, Jean-Pierre. *L'individu et la mort*. Paris: Gallimard, 1989. p. 29.



ma que queima, vento, árvore, pássaro, tigre ou serpente. Mas a série de transformações não pode suceder-se indefinidamente. Elas constituem um ciclo de formas que, chegado a seu termo, volta ao ponto de partida. Se o adversário do monstro soube não soltar a presa, o deus polimórfico, no fim de seu ciclo, deve retomar seu aspecto normal, sua figura primeira, para não mais deixá-la. Assim, Quíron adverte Peleu: que Tétis se transforme em fogo, água, ou animal selvagem, o herói não deve soltá-la antes de tê-la visto retomar a forma antiga”.<sup>3</sup>

Da mesma maneira, Idoteu adverte Menelau sobre as astúcias de Proteu: “Segurai-o bem, mesmo que ele tente em sua pressa ardente desatar-se; ele tomará todas as formas, transformar-se-á em tudo que rasteja sobre a terra, em água, em fogo divino; mas vós, segurai-o bem, sem amolecer, apertai-o muito; e quando ele vier a querer bem falar, ele retomará os traços que vós tereis visto, quando ele adormecia”.<sup>4</sup>

As metamorfoses seguem assim em ciclo, um círculo que as liga, as encerra, as detém. E isso, mais uma vez, porque a verdadeira natureza do ser nunca é abalada por elas. Se essa natureza, se essa identidade, pudesse mudar em profundidade, ou seja, em substância, então não haveria necessariamente retorno das formas anteriores, o círculo seria quebrado, pois que o anterior faltaria de repente a quem tomasse a tangente ontológica. A transformação não seria mais da ordem da astúcia, do estratagema, da máscara que sempre se pode retirar ou que deixa adivinhar os traços autênticos do rosto. Ela trairia uma clandestinidade existencial que permitiria ao sujeito, para além da roda das metamorfoses, tornar-se irreconhecível. Irreconhecível menos pelo fato de uma mudança de aparência do que por uma mudança de natureza, de uma muda da escultura interior. Somente a morte é capaz de deter esse potencial plástico, cujos truques nada pode esgotar e que jamais chega por si mesmo “ao fim de seu repertório”. Todas as mutações nos são possíveis em princípio, imprevisíveis e irreduzíveis a uma gama ou a uma tipologia. Nossos possíveis plásticos na realidade jamais terminam.

<sup>3</sup> Detienne; Vernant, *Les Ruses de l'intelligence*, p. 111 [p. 103].

<sup>4</sup> Ibidem [p. 103].

O mais das vezes, nas metamorfoses antigas, a transformação intervém em lugar, e no lugar, da fuga. Quando Dafne, por exemplo, é perseguida por Febo e não pode correr rápido o bastante, ela se transforma em árvore. Ora, a metamorfose por destruição não é um equivalente da fuga, é antes a forma que a impossibilidade de fugir toma. A impossibilidade de fugir lá onde a fuga se imporia no entanto como a única solução. É preciso pensar a impossibilidade de fugir nessas situações em que uma tensão extrema, uma dor, um mal-estar empurram para um fora que não existe.

O que é uma saída, o que pode ser uma saída lá onde não há nenhum fora, nenhum alhures? É bem nesses termos que Freud descreve a pulsão, essa excitação estranha que não pode se descarregar fora do psiquismo e que não é possível, como é dito em *As pulsões e seus destinos*, “superar por meio de ações de fuga”. A questão é saber como “eliminar” a força constante da pulsão. “O que se forma então”, diz Freud, “é uma tentativa de fuga”.<sup>5</sup> É preciso tomar aqui a sério o verbo “o que se forma”, “*es kommt zu Bildung*”, literalmente “o que vem à formação”, pois esse verbo não apenas anuncia a tentativa de fuga, ele a constitui. A única saída possível para a impossibilidade de fugir parece ser a constituição de uma *forma* de fuga. Ou seja, ao mesmo tempo a constituição de um gênero ou de um *ersatz* de fuga e a constituição de uma identidade que foge de si mesma, que foge da impossibilidade de fugir de si mesma. Identidade desertada, dissociada ainda uma vez, que não se reflete a si mesma, não vive sua própria transformação, não a subjetiva.

A plasticidade destrutiva torna possível a aparição ou a formação da alteridade lá onde o outro falta absolutamente. A plasticidade é a forma da alteridade lá onde não há nenhuma transcendência, de fuga ou de evasão. O único outro que existe então é o ser outro a si mesmo.

É bem verdade que Dafne só pode escapar de Febo transformando-se. Para ela também, em certo sentido, a fuga é impossível. Para ela também o momento de transformação é momento de destruição:

<sup>5</sup> Freud, Sigmund. “Le refoulement”. Em: *Métapsychologie*. Tradução ao francês de Jean Laplanche e Jean-Baptiste Pontalis. Paris: Gallimard, 1968. p. 59 [ed. bras.: “A repressão”. Em: *Obras completas*, v. 12 (1914-1916). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 95; trad. mod.].